

A CRIAÇÃO DE PORCOS NO OESTE DE SANTA CATARINA: APONTAMENTOS SOBRE A CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM E REMANESCENTES CULTURAIS

Gerson Junior Naibo

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

e-mail: gersonjrnaibo@outlook.com

Marlon Brandt

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

e-mail: marlon.brandt@uffs.edu.br

Eixo 07: Ciências Humanas

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo, elencar características culturais da criação de porcos por populações tradicionais no Oeste de Santa Catarina e identificar alguns remanescentes culturais dessas técnicas, que se preservaram nas paisagens do Oeste Catarinense. A metodologia é fundamentada em pesquisas bibliográficas de cunho teórico sobre a história e a geografia da região analisada, e principalmente a partir de observações realizadas em dois trabalhos de campo. Enquanto consideração final deste trabalho tem-se a importância da manutenção das práticas culturais sendo grandes remanescentes, principalmente no que se refere às populações negligenciadas pelo processo de colonização regional estabelecido.

Palavras-chave: Paisagem. Suinocultura. Populações Tradicionais. Remanescentes Culturais. Oeste de Santa Catarina.

Introdução

Entendemos a paisagem enquanto um mosaico de elementos que se entrelaçam, se complexificam e representam fatos e fenômenos, abarcando desde as perspectivas ambientais e naturais até as históricas e culturais de um determinado grupo social. Passível de transformações que simbolizam as heranças sociais e políticas das culturas humanitárias, de acordo com as diferentes vivências e práticas das populações que desenvolveram os seus costumes a partir de convívios culturais. Em concordância a isso, Alves (2001) define que a paisagem não é resultado de uma construção individualizada dos sujeitos, mas sim, um produto das representações coletivas. Com base nesses pressupostos, a paisagem pode ser

considerada uma forma de investigação das heranças que nela são simbolizadas enquanto remanescentes culturais.

Nesse estudo, consideramos para investigação a criação de porcos e as suas técnicas de criação, pois representam características de diferentes grupos culturais que existiram e coexistiram na Região Oeste de Santa Catarina em situações de conflitos, ocasionados principalmente por interesses e adversidades culturais entre as populações tradicionais – como os caboclos¹ e indígenas – e os colonizadores europeus. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo elencar características culturais da criação de porcos por populações tradicionais no Oeste Catarinense e identificar alguns dos remanescentes culturais dessas técnicas que se preservaram nas paisagens regionais.

O enredo da análise é fundamentado em pesquisas bibliográficas de cunho teórico sobre a história e a geografia da região em questão, e principalmente a partir de observações realizadas em dois trabalhos de campo. O primeiro deles foi desenvolvido durante uma atividade do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID com os alunos da Escola de Educação Básica Coronel Lara Ribas na Reserva Indígena Aldeia Kondá, no município de Chapecó – SC, em 2019. O segundo foi executado durante a atividade de campo do Projeto de Recadastramento dos Sítios Arqueológicos das Mesorregiões Oeste e Planalto de Santa Catarina (executado pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM e coordenado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN), no município de Caibi – SC, também em 2019.

Criação de porcos em questão: Temporalidades e espacialidades em diálogo com as subjetividades humanas

No Oeste de Santa Catarina a criação de porcos à solta² foi uma das principais fontes de renda da população cabocla entre a década de 1920 à 1950, constituindo-se também enquanto uma das características culturais dessa população. Na época, o resultante da produção da carne dos

¹ No presente trabalho utilizamos a definição de população cabocla adotada por Paulo Pinheiro Machado (2004, p. 48), que os descreve como “os habitantes do planalto, ou seja, o habitante pobre do meio rural”. Embora, conforme o autor, “não haja uma conotação étnica nesta palavra, frequentemente o caboclo era mestiço, muitas vezes negro”. Mas a principal característica desse conceito, é que denota uma condição social e cultural, sendo os caboclos sujeitos pobres que se dedicavam a agricultura, criação ou extrativismo, vivendo como sitiantes independentes nos interstícios das grandes fazendas pastoris, na maioria das vezes sendo posseiros, e agregados ou peões.

² Segundo Brandt (2015), essa forma de criação consistia na livre circulação dos suínos, prática possível em áreas de vastas florestas e baixo adensamento demográfico.

suínos e os seus derivados eram utilizados principalmente para o regime de subsistência dos grupos familiares e o excedente da produção eram comercializados localmente.

Com a chegada dos colonizadores, as formas de criação de suínos sofreram inúmeras transformações, resultando em algumas rupturas no modo de vida da população cabocla, inclusive com a expropriação de diversos caboclos que viviam em regime de posse da terra que

Sem as terras, ou o acesso às margens das florestas para a reprodução de costumeiras práticas de uso da floresta para criação ou a extração da erva-mate, restou a muitos o emprego assalariado nas serrarias que se abriram na região, em alguma ervateira local ou a busca por terras distantes, onde a propriedade privada da terra ainda não tinha chegado. (BRANDT, CASSARO, NAIBO, 2021, p. 230).

Entre as mudanças das técnicas de criação adotadas pelos colonizadores, destaca-se, principalmente, a troca do regime à solta para o confinado no sistema de criação em chiqueiros. Tais perspectivas estavam alinhadas aos processos de mecanização das técnicas e ao avanço da mercantilização da carne suína em volumes consideravelmente maiores, visando a produção de carne, inclusive, para a exportação. Nesse sentido, é importante ressaltar que para Santos (2003, p. 23) “as técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de uso”.

Em relação a isso, frente aos avanços das técnicas e do discurso colonizador, as formas de produção, ditas tradicionais, não deixaram de existir, continuaram e continuam existindo nas paisagens regionais enquanto memória e também resistência das culturas, embora sejam propositalmente inviabilizadas na região, em função do discurso hegemônico preconizado. A seguir, com base na metodologia, apresentamos o enredo das discussões impulsionado por um conjunto de fotografias. As Figuras 1 e 2, divididas em dois blocos, cada uma representando um contexto espacial diferente, visam afirmar a existência desses remanescentes culturais no Oeste de Santa Catarina.

Figura 1. Criação de porcos na Reserva Indígena Aldeia Kondá, Chapecó - SC



Fonte: Gerson Junior Naibo (2019)

Na Figura 1, registrada durante trabalho de campo na Reserva Indígena Aldeia Kondá em Chapecó – SC, observa-se um porco sendo criado na corda. Essa é uma técnica tradicional de criação de porcos, no qual consiste a criação de uma quantidade pequena de cabeças de animais em áreas próximas às residências de seus proprietários, principalmente pela facilidade com o manejo dos animais, que nessa situação necessita de cuidados diários, sendo assim, considerado um processo de “adestramento”. A alimentação desses animais se baseia em pastagens e demais alimentos que são encontrados em contexto, e também de alimentos suplementares, como grãos e lavagens³ que são fornecidos pelos seus criadores.

Figura 2. Criação de porcos e aves em Caibi - SC



Fonte: Gerson Junior Naibo (2019)

Na Figura 2, registrada durante trabalho de campo no município de Caibi – SC, avista-se a criação de porcos com o consórcio de outras espécies de animais. À vista disso, as criações avícolas e suínas dividem o mesmo espaço, os animais são criados em cercados, conhecidos

³ A lavagem consiste em uma dieta alimentar secundária para animais, principalmente porcos. É composta por frutas, verduras e até mesmo restos de carnes, principalmente os restos derivados da dieta humana.

como mangueiras, no entanto, essa criação não está limitada a ela, pois durante o trabalho de campo, observaram-se animais circulando fora das cercas. A alimentação é baseada nas mesmas perspectivas da situação anterior, mas, nesse caso, os animais conseguem percorrer maiores distâncias à procura de alimentos, porém, o alimento que é oferecido de forma suplementar, possivelmente deve ser dividido com as outras espécies presentes, em tal caso, as aves. Nesta situação, as terras eram de propriedade privada, mas a criação de porcos é domínio do agregado rural, responsável pelo cuidado das terras.

Com a apresentação desses dois remanescentes culturais das populações tradicionais na região Oeste de Santa Catarina – partimos dessas duas situações enquanto uma representação amostral significativa. É importante salientar que, segundo Marcon (2003), durante o processo histórico de colonização regional as populações caboclas foram marginalizadas frente a um discurso de desenvolvimento econômico e progresso. Por isso, é relevante ressaltar a importância da manutenção das diferentes culturas e suas práticas, para podermos reescrever a história regional estabelecendo papéis de atores sociais para as populações tradicionais, pois, segundo Renk (2004), historicamente foi dada maior visibilidade ao discurso do colonizador. E nesse sentido, Brandt e Nodari (2011, p. 88) contribuem ao afirmarem que “a resistência da população cabocla à imposição dessa nova lógica socioespacial era então vista como um conjunto de manifestações bárbaras ao avanço inexorável da civilização, e não como uma defesa de seus costumes”. Isso demonstra a obsessão dos colonizadores e do Estado, para além da posse de terras, mas também da posse hegemônica dos modos de ser e cultivar. Mas “[...] apesar da intensa frente de colonização destes povos [europeus], da frenética e violenta opressão cultural, sempre houve significativa proteção, adequação e continuidade de suas práticas culturais ancestrais, sem que estas fossem extintas, mas sempre revisitadas por estes povos.” (BONATTI; NAIBO, 2019, p. 884).

Considerações finais

Com esse trabalho entendemos que a prática de criação de porcos, quando analisada descontextualizada no tempo, irá nos remeter às décadas quando a criação de porcos à solta fazia parte da organização e produção nativa da região. Porém nota-se que isso não é regra, pois na contemporaneidade ainda se encontra esse tipo de situação, não de modo extensivo como era costumeiro, mas em práticas adaptadas aos novos contextos – os quais não devem ser vistos enquanto retrógrados. Desse modo, a atividade de criação de porcos à solta, na

corda e em mangueiras configura-se como uma prática de resistência cultural e de conservação da morfologia paisagística que resiste às diversas demandas, exigências econômicas e sociais impostas no decorrer dos anos, além de se esculpir como um instrumento de rememoração de um momento histórico passado, porém atual.

Referências

- ALVES, Teresa. Paisagem: em busca do lugar perdido. **Finisterra: Revista Portuguesa de geografia**, v. XXXVI, n. 72, p. 67-74, 2001.
- BONATTI, Jaílson; NAIBO, Gerson Junior. Existe um Lugar para Interculturalidade na Pós-Modernidade?. In: II Seminário Internacional Diálogos Interculturais na América Latina: Saberes Populares – SIDIAL e do IV Congresso Internacional: Pluralismo Jurídico, Constitucionalismo, Buen Vivir, e Justiça Ambiental na América Latina, 2019, Chapecó. **Anais...** Chapecó: Livrologia, 2020. p. 877-888.
- BRANDT, Marlon. Criação de porcos “à solta” na floresta ombrófila mista de Santa Catarina: paisagem e uso comum da terra. **História**, São Paulo, v.34, n.1, p. 303-322, jan./jun. 2015.
- BRANDT, Marlon; NODARI, Eunice Sueli. Comunidades tradicionais da Floresta de Araucária de Santa Catarina: territorialidade e memória. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 15, n. 1, p. 80-90, 2011.
- BRANDT, Marlon; CASSARO, Clóvis Alceu; NAIBO, Gerson Junior. População cabocla em um espaço de fronteira: paisagem e uso comum da terra na floresta ombrófila mista de santa catarina (séculos XIX e XX). **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 22, n. 81, p. 217-234, 2021. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55425>. Acesso em: 01 set. 2021.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- MARCON, Telmo. **Memória, História e Cultura**. Chapecó: Argos, 2003. 350 p.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 176 p.
- RENK, Arlene. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004. 160 p.